

## centro de cultura social, uma prática anarquista

entrevista com **josé carlos morel**

### **Apresentação**

Estamos na nova sede do Centro de Cultura Social, associação anarquista criada em 1933, situada na Rua Inácio Araújo, 191-A, em frente a estação Bresser do Metrô, na cidade de São Paulo. Sentados em roda, estão José Carlos Morel e alguns companheiros do Centro de Cultura Social — CCS (Nildo Avelino, Anamaria Salles, Fabrício Martinez, Francisco Cuberos Neto, Francisco Romero Ripó Neto, Nilton César dos Santos Melo). Entre eles Edson Passetti, Acácio Augusto e Thiago *Parafuso* Sousa Santos, pilotando a câmera. É sábado, 31 de janeiro de 2004, à tarde, durante uma forte chuva de verão.

A longa conversação atravessa a tempestade entre cafés, risadas, interrupções, trocas de concepções. Uma parte desta conversação foi transcrita para cá.

**Nu-SoL** — *Como é que aconteceu o anarquismo na sua vida?*

**Morel** — A primeira vez que eu ouvi falar de anarquismo, de uma maneira não pejorativa, foi em 68, num artigo da revista *Manchete*. Maio de 68, aquela coisa toda. A *Manchete* publicou um artigo que falava dos jovens anarquistas com uma foto de uma passeata enorme em Paris. Aquela em que os caras estavam derrubando os carros, com umas bandeiras pretas em cima da barricada feita com automóveis. Esta foi a primeira vez que ouvi falar de anarquismo. Eu já tinha uma inquietude em relação a isso. A minha família era muito politizada. Os anos sessenta, no Brasil, foram anos de muita polarização política. Eu me sentia, instintivamente, próximo do socialismo, mas aquelas coisas que o partido comunista fazia eu achava muito, muito chato, uma merda! Eu procurava alternativas e, na época, tinha muita coisa rolando. O anarquismo aconteceu politicamente aí, fazendo uma proposta de mudança, de revolução, que não passava pelo partido, pela organização centralizada. Logo a seguir, achei num sebo aquele livro do George Orwell sobre a Espanha, editado pela Civilização Brasileira. E lá se falava um pouquinho de anarquismo, mas o Orwell nunca desceu do muro. Ele era simpático aos anarquistas, mas não explicava muita coisa. Mesmo assim, comecei a me interessar, a buscar coisas. Um ano e meio depois, encontrei três livros que foram importantes. Um eu encontrei num sebo que ficava lá perto do largo São Francisco. Era o livro de um português chamado Silva Mendes, de 1892, chamado: *Socialismo Libertário ou Anarquismo*. Na livraria Hemus, que ficava na São João encontrei dois livros que o Roberto das Neves tinha editado: *O Anarquismo*, uma coletânea de artigos do Edgar Leuenroth, e a tradução de *O Anarquismo* do Daniel Guérin. Então, comecei a ler e a descobrir. Tinha aquele negócio que o Karl Marx era o grande pen-

Centro de cultura social, uma prática anarquista

sador do socialismo, e o Silva Mendes descrevia toda aquela luta do Marx contra o Proudhon, do Marx com o Bakunin; um livro muito bem feito, uma tese defendida na Universidade de Coimbra. Escrevi para o Roberto das Neves, que tinha uma caixa postal impressa na orelha do livro. Ele me deu o endereço do Centro de Cultura Social, lá no Brás. Lá bati, mas estava fechado. Eu fiquei meio perdido. Só fui encontrar o Jaime Cubero em 1971, por meio de um colega meu de universidade, o Marcelo Guimarães da Silva Lima. Comecei a me envolver com o movimento. É mais ou menos esta a história...

— *Em 1971, o Centro de Cultura estava fechado...*

— Tinha ocorrido aquela repressão toda em 68. O pessoal do Rio de Janeiro tinha dançado, estava meio mundo ainda preso; acho que em 1970, o Ideal Peres estava saindo da cadeia. O pessoal aqui em São Paulo quando soube que eles tinham sido presos, achou prudente fechar. Fecharam as atividades na cidade, o Centro de Cultura, e passaram a fazer movimento clandestinamente.

— *Quantas pessoas estavam envolvidas na época com o Centro de Cultura Social?*

— Olha, aqui em São Paulo tinha bastante gente. Quer dizer... A gente se reunia lá na loja do Jaime, na Celso Garcia, 727, lá no sítio...

— *O sítio que você está se referindo é a “Nossa Chácara”?*

— É, a “Nossa Chácara”.

— *Já era em Mogi?*

— Já era em Mogi. Chegávamos a fazer reuniões com 40, 50 pessoas. Naquele tempo tinha muita gente do

antigo movimento ainda viva. Foi no contato com estas pessoas que fui me formando.

— *E estas pessoas atuavam em quê?*

— Olha, basicamente a gente tentava fazer o que era possível; era muito pouco. Uma atividade importante era manter o sítio. Uma outra foi a solidariedade aos companheiros presos no Rio de Janeiro. O processo custou muito caro, teve de ser contratado um bom advogado, subornar gente pra sumir com provas... A coisa foi complicada! Custou muito dinheiro. No começo dos anos 70, esta era, digamos, uma atividade importante: tirar os caras da cadeia. Depois começou a haver um interesse sobre o anarquismo, cultivado por várias coisas. Uma delas foi a venda do arquivo Edgar Leuenroth, que aliás essa é uma história que tem que ser contada direitinho, noutra ocasião. O arquivo nunca foi propriedade pessoal da família do Edgar Leuenroth, mas sim do movimento anarquista. Mas, enfim, a família do Edgar Leuenroth vendeu o arquivo pra UNICAMP, aí começou a haver um certo interesse. Era 1973. O Azis Simão, que foi professor de Sociologia da USP, queria levar o arquivo para lá, mas naquele tempo o reitor era o Miguel Reale, que era um fascista, etc e tal. E aí, acabou indo pra UNICAMP, porque o Zeferino Vaz, embora sendo um homem de direita, era um cara com uma cabeça universitária mais aberta e percebeu a importância do acervo. Enquanto isso, começou a haver interesse pelo anarquismo e vinha muita gente procurar o Jaime, o Germinal, os velhinhos para saber de coisas sobre a história do movimento. E se fazia isso, além de manter o trabalho de correspondência com grupos de fora e o de articulação dentro do Brasil. Até 1976, havia basicamente um grupo atuante aqui em São Paulo, que tinha a “Nossa Chácara”; o pessoal do Rio que se rearticulou depois de sair da prisão; e tinha o pessoal no Rio Grande

Centro de cultura social, uma prática anarquista

do Sul, em Porto Alegre, que eram o Puig, o nosso companheiro Augusto, já falecido, e que era um militante exilado da revolução espanhola. O Salvador também. Nós nos correspondíamos, fazíamos alguns encontros, e atuávamos, na medida do possível, no movimento estudantil, alguma coisa no movimento sindical, muito pouquinho. Foi só no final dos anos setenta que a gente conseguiu aumentar os grupos. Bom, no começo foi assim.

— *A tua formação foi dentro do Centro de Cultura Social?*

— Foi dentro do Grupo Projeção. O Centro de Cultura foi organizado só em meados dos anos oitenta. A gente formou, naquela época, o Grupo Projeção.

— *Você era o caçula?*

— Eu era o caçula... foi em 1974, um pouco depois do desfecho do processo lá no Rio. Do Grupo Projeção faziam parte: Diamantino Augusto, que é uma excelente figura, um cara das greves de Santos, botava bomba no forno de padaria, excelente companheiro; o Edgar Rodrigues; o Fernando; o Matos; o Ideal — Ideal Peres; Ester Redes; Jaime Cubero; Francisco Cuberos; o Nito Lemos Reis; o Liberto Lemos Reis...

— *O Martinez?*

— Antônio Martinez, também um excelente companheiro, operário metalúrgico e veterano dos combates contra os fascistas na Praça da Sé em 1933, um cara de muito valor, e eu, doze. Era essa era a formação inicial do Grupo Projeção. Eu tinha lido um pouco sobre anarquismo, mas a formação prática eu tive dentro do Projeção, dentro do sítio, onde as coisas se faziam.

— *Por que criar o Grupo Projeção?*

— O Projeção foi fundado com uma dupla finalidade: preservar e resgatar o que tinha sobrado da memória, porque grande parte tinha ido embora para UNICAMP; foi fundado com a idéia de se rearticular o movimento naquela etapa, era o finzinho dos anos Médici, uma conjuntura muito difícil. A gente tinha de começar a fazer alguma coisa. Tinha o sítio e afinal de contas, havia alguns grupos remanescentes, uma intensa correspondência. Naquele tempo ainda não tinha entrado a ditadura pra valer na Argentina. Lá e na Venezuela havia muitos grupos anarquistas com os quais nos correspondíamos. Tentava-se fazer alguma coisa, na medida do possível, de apoio a esses grupos. Atuar na conjuntura política local era muito difícil, porque você tinha de um lado a ditadura fascista, e de outro lado a esquerda dominada pelo Partido Comunista. Até os trotskistas, naquele tempo eram extrema esquerda. Você compara, por exemplo, o Pallocci, hoje alinhado com o FMI e..., pensar que nos anos setenta os *troscos* se diziam de extrema esquerda, soa gozado hoje em dia!... Então, foi aí que a gente começou. O Projeção teve um papel, acho que muito importante, na rearticulação do movimento anarquista no Brasil e, também, na continuidade desse movimento. Existe um erro cometido pelos historiadores ao afirmarem, desde os anos sessenta que “o anarquismo morreu quando se fundou o Partido Comunista em vinte e dois”. Mas a pesquisa histórica avançou e mostrou que até trinta e cinco, trinta e sete tinha anarquista atuando; daí o enunciado se redimensionou, passando-se a decretar a morte do anarquismo no final dos anos trinta. Mais tarde, passaram a afirmar que o anarquismo acabou depois da ditadura Vargas; aí a pesquisa histórica vai lá, vai olhar, e vê que os anarquistas não morreram, até sessenta e oito, setenta eles estavam fazendo coisas. De fato, no começo da década de setenta a gente estava meio por baixo, quer dizer, não tinha

muito movimento, não havia uma juventude... No meu tempo de estudante, eu era considerado, assim, uma coisa bizarra. Ser anarquista e ser universitário era uma coisa complicada. E a malhação era pesada, também. Acusavam o anarquismo de pequeno burguês, de instrumento objetivo da burguesia, de fôssil ideológico. Organizar o movimento era muito difícil. Só começou a acontecer efetivamente a partir de 1975. O panorama começa a mudar, mesmo na Europa e nos EUA. Ocorre a Revolução dos Cravos, em Portugal. Tinha-se derrubado o fascismo por uma revolução levada pelos grupos de extrema esquerda, autonomistas. E os anarquistas começam a se rearticular em Portugal, e a gente começou a apoiar o movimento português, com algum material de propaganda que restava — brochuras do Faure, do Malatesta, folhetos anarco-sindicalistas, etc.) O Jaime nesse ponto teve um papel importantíssimo. Ele e o Chico [Francisco Cuberos], porque era através da loja de sapatos que eles tinham que se despachava material, driblavam a censura... Então, no comecinho foi assim. Em meados da década de setenta o movimento começa a crescer um pouco. O Ideal entra em contato com o Renato Liper na Bahia, por volta de setenta e cinco, setenta e seis. E dois anos depois, em setenta e sete, a gente faz um congresso na “Nossa Chácara” e se lança o jornal *Inimigo do Rei*, que já tinha dois números e era uma iniciativa dos baianos. No carnaval de setenta e sete a gente resolve transformar o *Inimigo do Rei* no porta voz dos anarquistas no Brasil. E aí eu acho que há uma marca e o anarquismo toma um novo impulso no Brasil, muita gente jovem aparece; começa a se criar grupos em vários locais do Brasil: no Nordeste, em Mato Grosso, e mesmo aqui em São Paulo, com grupos feministas e estudantes muito ativos. São estabelecidos vínculos mais fortes com o movimento sindical e criados grupos anarco-sindicalistas, grupos de homossexuais, grupos ecoló-

gicos... Eu me lembro que teve uma manifestação que nós fizemos em setenta e oito contra aquele negócio de Angra II, enriquecimento de urânio pra fazer a bomba, etc e tal; os anarquistas, eles eram a maioria da passeata na praça da Sé. O *Inimigo do Rei*, chegou a vender, só aqui em São Paulo, com o esforço dos militantes mesmo, quatro mil exemplares. Então, acho que a partir daí entra uma outra fase. Eu acho que são dois momentos: começo dos anos setenta até final da década e o *Inimigo do Rei*. Ele mostra claramente a vitalidade do anarquismo, que era insuspeita, e começa a atrair a atenção de muita gente jovem; é então que se pensa em rearticular o Centro de Cultura Social.

— *E como isso aconteceu?*

— Houve várias tentativas. Entre 1977-1978, o pessoal aqui em São Paulo estava pensando em rearticular o Centro de Cultura; me lembro de uma reunião do Projeção que a gente fez, o Ideal até defendeu uma posição contrária, porque ele achou que na época, se a gente fundasse o Centro de Cultura, a gente ia se fechar, quer dizer, a gente estava na época atuando em vários movimentos sociais. O Ideal começou a atuar em movimentos de bairros com uma força muito grande no Rio de Janeiro. Depois o Brizola se apropriou, mas realmente foi um impulso... Eu cheguei a participar de um congresso lá com o Ideal em setenta e nove aonde havia dois mil e poucos delegados de bairro: o congresso se deu sem mesa. Uma pessoa pra tomar conta das inscrições, um microfone no canto, a pessoa pegava seu número na hora de falar, quer dizer: um congresso com duas mil e quinhentas pessoas, dois dias e meio de congresso que aconteceu sem mesa, discutindo os problemas da cidade. Então, naquele momento o Ideal foi contra a gente tentar fundar o Centro de Cultura, porque ele achava que a gente ia deixar de fazer o trabalho de



propaganda e divulgação, que estava indo muito bem e iria se fechar em torno de uma organização. Somente retomamos a idéia de reabrir o Centro de Cultura Social por volta de 1982. Aí a conjuntura já era outra. O anarquismo nesses anos se consolida. Uma das vantagens (vantagem entre aspas) da ida do arquivo para UNICAMP foi que as pessoas começaram a pesquisar naquele arquivo, e começou a se desmistificar uma imagem que os marxistas faziam do anarquismo, começou a se ver que não era nada daquilo, que o anarquismo era um movimento político forte, atuante, que tinha presença não só no meio dos trabalhadores, mas em vários outros meios, tinha presença entre os intelectuais, uma visão ampla do mundo, não era só uma questão economicista, não era só uma questão de classe apenas. Isso tudo foi sendo descoberto, entre três aspas também, pelo pessoal que faz os trabalhos lá no arquivo Edgar Leuenroth, na minha opinião muito contra vontade; se você for pegar a bibliografia destes trabalhos os caras citam Marx, citam Trotski, citam Althuser, citam Che, etc. e tal, mas ler texto anarquista que é bom é uma minoria que lê. Mas mesmo assim os fatos existem e não podem ser negados. Naquela antologia que o Paulo Sérgio Pinheiro fez, *A Classe Operária no Brasil*, ele faz o possível pra dizer que não teve anarquismo no Brasil, mas os textos que ele junta mostram que não só você teve anarquismo, como tinha o anarquismo forte, atuante, com uma proposta de mudança social totalmente diferente do que o Partido Comunista teria, e que tinha penetração social. Então, foi esse fato, no meu entender pelo menos, que começou a despertar na cabeça das pessoas a questão da viabilidade. Então, o anarquismo não é mais uma idéia, não é uma coisa gostosa de se pensar, não é uma bela utopia, mas é alguma coisa que você pode construir.

— *No que você diferencia o anarquismo de todas as outras concepções de socialismo?*

— Eu não vejo o anarquismo só como um ativismo sem meta. O anarquismo aponta para uma transformação da realidade social. Ele aposta na capacidade das pessoas de se auto-organizarem, mas isso não quer dizer que é uma explosão, um “vamos ver pra onde a coisa vai”, não. Eu acho que existe a questão organizativa. Mas o anarquismo não é messiânico, não aponta para um estágio final de sociedade. Desde Proudhon o anarquismo pensa que as contradições estão aí, podem ser superadas, mas que não há um fim da história. A história é um contínuo construir. E nesse sentido a concepção que você vai ter de revolução é outra. Se você falar: eu quero o anarquismo para o ano três mil, até o George Bush vai querer, porque não vai mudar nada aqui e agora. Entretanto, se você falar: bom, eu não posso fazer o anarquismo para semana que vem, mas eu gostaria de ver até o final da minha vida a sociedade se encaminhar para um estado menos autoritário, uma participação mais direta das pessoas, aí você começa a mexer com interesses concretos. Eu acho que tem essa polaridade entre a evolução e a revolução, que para mim é característica do pensamento anarquista.

— *De onde vem a prática do Centro de Cultura?*

— O Centro de Cultura vem da necessidade de formar um espaço onde a informação política e a informação técnica, estejam disponíveis. Em segundo lugar que essa informação seja submetida continuamente ao debate, porque a partir desse debate, realmente, não só você aprende, como você começa a perceber o limite dessa informação, você começa a criar os fatos novos. Eu vejo o Centro de Cultura como um herdeiro dessa tradição. É claro, que o momento no qual ele é criado, é um momento de crise. Nos anos trinta o anarco-sindi-

calismo no Brasil está sendo acossado. Na I Internacional a idéia dos ateneus estava ligada à idéia de sindicato; então, sindicato, bolsa de trabalho, escola racionalista e ateneu libertário, seriam os quatros vértices, o quadrilátero de ação política dos anarquistas. Nos anos trinta isso não é mais assim, eu acho que a organização sindical dos anarquistas está sendo acossada, de um lado pela repressão policial, de outro lado, pela burocratização, pela legislação... pela formação dos sindicatos atrelados ao governo. Os comunistas entram direto nisso aí, e esta é uma história que precisa ser contada. Nenhum historiador se debruçou, ou teve a curiosidade de se debruçar sobre os fatos para saber qual foi a compactuação dos marxistas com o modelo vertical de sindicato, qual foi a compactuação dos marxistas com o controle do trabalhador. Eu conheci, na loja do Jaime e do Chico, um cidadão chamado J. Antônio. Acho que nos anos setenta ele já tinha noventa anos. O J. Antônio se recusou até noventa e tantos anos a ter carteira de trabalho assinada. Ele morreu vendendo creolina no Largo da Concórdia [no bairro do Brás-SP], naqueles hotezi-nhos ali embaixo, no Largo da Concórdia. A sua profissão até noventa e tantos anos, era a de vendedor de creolina. Não tinha aposentadoria, não tinha carteira de trabalho assinada. Porque ele se recusava a prestar satisfações ao Estado. Então, era esse tipo de gente, não só os famosos, que formava o Centro de Cultura. Era esse tipo de gente que formava a “Nossa Chácara”; que formava o sindicato anarco-sindicalista em São Paulo e no Rio de Janeiro, até 1935, 1937. Nesse momento de crise, em 1933, o Centro de Cultura é fundado porque há uma percepção da parte do Edgar e dos outros militantes, que a atuação sindical precisava ser modificada. Era preciso mudar um pouco a tática. Mas eu acho que basicamente o projeto que o Centro de Cultura tem ainda nos anos trinta, é um projeto que você pode ver

na I Internacional. Em 1945, a conjuntura mudou bastante. A ênfase principal do trabalho dos anarquistas passa a ser a atuação dentro do Centro de Cultura; o Centro de Cultura passa a adquirir um caráter, então, não só, digamos, de universidade popular, mas passa a adquirir um caráter também de instrumento político dos anarquistas. E aí, o que há de notar nessa fase, de quarenta e cinco a sessenta e oito, coisas realmente que são, no meu modo de entender, revolucionárias. Em 1946, o Centro de Cultura promove, além das atividades de teatro, um curso de educação sexual. Imagine o que não deve ter sido isso para uma São Paulo provinciana de setecentos mil habitantes. E as pessoas iam, vinha a família a esse curso, e vinham psicanalistas, etc. O Centro tenta organizar até com algum sucesso, durante um ano, um ano e meio, a Universidade Popular Presidente Roosevelt. Promove três versões de um curso de doutrinas políticas. Já nos anos sessenta tem a grande experiência do Laboratório de Ensaio, que é naquele tempo uma experiência de teatro político revolucionária. Eu tenho aqui ao lado o Chico, que é um cara que participou das grandes revoluções do teatro paulista, desde quarenta e sete até os anos oitenta. O Centro de Cultura Social passa a ter, nessa segunda fase de quarenta e cinco a sessenta e oito, um cunho de resistência cultural, mas não se engane, tem gente que fala: anarquismo culturalista, anarquismo isto, anarquismo aquilo... Anarquismo é anarquismo. O Jaime gostava de falar: “o anarquismo é um conjunto de postulados convergentes”. Isso para mim é o anarquismo, é a base, é o método. Não é porque o sujeito faz um trabalho assim, ou assado, que ele é menos ou mais anarquista, do que o cara que faz um trabalho assado ou cozido. O cara tem de ter o mínimo de modéstia, tem de sentar o rabo numa cadeira e estudar, e se debruçar sobre a história do socialismo, sobre a história do anarquismo. Verá então que

os caminhos são múltiplos. Verá que a gente tem de se preocupar em trilhar bem o nosso caminho, que a gente deve se preocupar com a meta que se quer atingir. É claro que a ação é a contrapartida do estudo: ninguém se esforça em aprender por nada. É preciso uma meta! Se você considerar as coisas corretamente, do ponto de vista da história e das lutas políticas e sociais dos anarquistas, verá que a teoria sem a ação é manca e que a ação sem a teoria é cega! É pensar globalmente, e agir localmente. Eu acho que nesse sentido o Centro de Cultura, na república de quarenta e cinco até sessenta e oito, tem um papel que não é mais o papel do anarcosindicalismo clássico, mas é um papel importante no sentido de ressoar o anarquismo junto à sociedade global.

— *Os anarquistas não aceitam qualquer tipo de ditadura.*

— Acho que qualquer ditadura faz um estrago inominável. Não só pelo que ela reprime, mas pelos mitos que ela cria. Nem todo mundo que é perseguido por uma ditadura é um sujeito de esquerda. Tem muito cara que foi perseguido pela ditadura e é um filho de uma puta. A ditadura, de certa maneira, apaga fronteiras e põe todos os gatos dentro do mesmo saco. E isso é uma coisa terrível, porque interrompe, quebra movimentos e desenvolvimentos, mistura coisas que estavam começando a se clarificar, a se separar. Veja, quando a gente retoma a idéia de Centro de Cultura em 1984, a gente retoma em qual contexto? Já não dá para falar como se falava no final dos anos sessenta, e no começo dos anos setenta, que o anarquismo é uma invenção de pequeno burguês, que o anarquismo é de uma mentalidade artesanal. Porque o próprio socialismo real, está fazendo água. Eu conheço muito marxista que foi parar no psiquiatra quando o Vietnã entrou em guerra com o Camboja. A briga da linha chinesa com a linha soviética... Então, em mea-

dos dos anos setenta não dá mais para tapar o sol com a peneira, o socialismo real que veio da concepção marxista, mostrou a que veio. É uma sociedade totalitária, absolutamente indiferente para com as necessidades individuais, uma sociedade militarizada e autocrática que se formou com o pretexto da libertação do proletariado e funciona como máquina de opressão e de exploração. O eixo desta sociedade, tanto na China quanto na Rússia estava na produção militar-industrial. Nos anos oitenta não dá mais para o anarquismo ser taxado de uma série de coisas. Ele passa a dar até um certo prestígio. Os estudiosos do arquivo Edgar Leuenroth, como me referi anteriormente, ao produzirem os seus estudos começaram a mostrar que o anarquismo não era aquilo que a vulgata marxista dizia que era. Começa a aparecer, então, uma geração mais jovem, interessada em fazer, em atuar com o anarquismo. Eu acho que o Centro de Cultura, em São Paulo, se organiza em 1984, mais ou menos em cima disso, com um grupo que trabalhava há alguns anos junto ao *Inimigo do Rei*. Houve também aquele curso que nós organizamos na PUC-SP, em 1979. Foi uma coisa... A mim me surpreendeu muito. Porque foram seis sábados discutindo anarquismo, e você não conseguia lugar no maior auditório da PUC-SP [sala 333, para 350 pessoas sentadas] mesmo chegando duas horas antes. No nosso caso, em particular, aí eu falo do grupo de militância mais anarco-sindicalista dentro do Centro de Cultura, do qual eu fazia parte, a gente estava muito envolvido com a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, com uma série de outras atividades. Resolvemos fundar o Centro de Cultura nesse sentido: ter um instrumento, ter um local nosso, que a gente pudesse levar as nossas discussões, fazer as nossas propostas, e não ficar dependendo de acordos. Em janeiro de 1984, o Jaime falou: “olha a mesma sala está para alugar, aqui na Rua Rubino de Oliveira, a mesma

sala igualzinha, nós vamos ter de fazer apenas a reabertura em cartório... não precisa nem jogar fora os impressos.” Então estava marcada uma reunião do sindicato dos geólogos para discutir o Centro de Cultura. E começou-se a discutir como é que ia ser, como é que não ia ser, a gente chegou e falou, o Jaime tomou a palavra e falou: “Olha eu queria informar que o Centro de Cultura já foi reaberto, está situado em tal e tal lugar, e a gente está tomando as adesões para sócios efetivos até tal dia”. Isso foi uma bomba no lugar. A gente conseguiu minimamente se renovar, não estou dizendo que isto aqui é um mar de rosas: não é! Tem problemas sim, mas eu acho que estamos conseguindo uma renovação do quadro social, conseguindo atingir pessoas novas, sensibilizá-las para nossa idéia. Isso é o que importa. Tem de haver continuidade, porque você não vai conseguir implantar o anarquismo depois de amanhã. Há muita briga pela frente, e as nossas organizações têm de crescer, têm de estar antenadas no que está acontecendo agora e no futuro. Eu acho que nesse sentido o Centro de Cultura Social foi sempre muito presente. O importante é saber aliar a tradição anarquista com os desafios políticos do momento. Se você for acompanhar a movimentação do Centro de Cultura isso é claro, acho que desde o comecinho isso é uma tradição, é uma contribuição que a gente gostaria de passar para as novas gerações.